

 <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v7n3a2025.1>

## **Análise dos dados levantados em ação do “Outubro Rosa” em Ribeirão Preto/SP: a adesão ao rastreamento do câncer de mama é satisfatória e eficaz?**

Isabella Pegolo Martinez<sup>1</sup>, Leda Florindo Pereira<sup>1</sup>, Laura Colombo Pelicano<sup>1</sup>, Talita de Carvalho Gomes<sup>1</sup>, Licério Miguel<sup>2</sup>

**Introdução:** O câncer de mama é a neoplasia com maior incidência entre as mulheres, excluindo-se os tumores de pele não-melanoma, respondendo por cerca de 28% dos casos novos de tumores malignos nessa população, sendo o que apresenta a maior taxa de mortalidade no Brasil, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Câncer (Brasil, 2022). Nesse contexto, no início da década de 1990 foi criado pela fundação norte-americana “Susan G. Komen for the Cure” o movimento “Outubro Rosa”, que alcançou reconhecimento internacional, ao compartilhar informações e promover a conscientização sobre o câncer de mama, através de maior acesso aos serviços de diagnóstico e de tratamento, contribuindo então para a redução da mortalidade pela neoplasia (Gilmore Gelleck, 2010). No Brasil, em 2018, a Lei nº 13.733 instituiu o mês de outubro oficialmente para conscientização sobre o câncer de mama. O rastreamento do câncer de mama torna-se uma estratégia essencial para a detecção precoce dessa doença. No Brasil, o Ministério da Saúde (MS), por meio do INCA, recomenda a realização de mamografias a cada dois anos para mulheres com idade entre 50 e 69 anos, mesmo na ausência de sintomas, em grupos de risco habitual (Silva, 2021). Essa recomendação baseia-se em evidências científicas que demonstram o benefício dessa estratégia na redução da mortalidade nesse grupo etário (Câncer Brasil 2024). Dados mais atuais apontam para uma necessidade de revisão das políticas de rastreamento para o câncer de mama, que foram protocoladas

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: [isabella.pegolo@gmail.com](mailto:isabella.pegolo@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: [licerio.miguel@baraodemaua.br](mailto:licerio.miguel@baraodemaua.br)

e organizadas em recente publicação das seguintes entidades médicas: Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR), da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM) e da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo, 2023) (Urban *et al.*, 2023). A proposta é que o rastreamento mamográfico seja anual, e recomendado para as mulheres de risco habitual entre 40 e 74 anos, e que leve em consideração ainda a expectativa de vida delas na decisão sobre a interrupção do rastreio. **Desenvolvimento:** Desde 2021 a Liga Acadêmica de Saúde da Mulher, Ginecologia e Obstetrícia (LASMGO) do curso de medicina do Centro Universitário Barão de Mauá (CBM) organiza o “Outubro Rosa”, vinculado ao projeto “Calendário colorido” da instituição. São realizadas ações para levar informação de qualidade à população e aumentar a adesão ao rastreamento, além de participar de eventos sobre a conscientização para o câncer de mama e identificação dos sinais e sintomas para diagnóstico precoce da doença. Em 2024, como parte da atividade de extensão idealizada, foi aplicada uma pesquisa censitária, por meio de aplicação de questionário construído pelos alunos da liga, em diferentes locais do município onde as ações foram programadas. A população foi abordada no Ambulatório “Alexandre Frederico Pincerno Favaro”, que funciona em parceria do CBM com o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto/SP, no Parque Tom Jobim – projeto “Abraça o parque” – e no bairro Adelino Simioni, durante evento na creche Vovó Meca, que contou com a participação da comunidade local. O questionário foi elaborado contendo informações rápidas e de fácil relato, para a consolidação de dados simplificados direcionados ao rastreamento. As informações levantadas foram referentes à faixa etária das participantes, realização prévia de exames de rastreamento (mamografia e ultrassonografia das mamas), histórico de biópsia mamária realizada, quando aplicável, data do último exame de imagem realizado e a presença de histórico familiar de câncer de mama. Após a aplicação, foi realizada a análise dos dados obtidos através destes questionários aplicado durante a ação do “Outubro Rosa”, com mulheres de diferentes contextos socioeconômicos no município de Ribeirão Preto/SP, a fim de comparar os achados com as estatísticas nacionais sobre rastreamento do câncer de mama, bem como promover a conscientização acerca da importância da prevenção e do diagnóstico precoce dessa neoplasia. Este trabalho propôs um recorte com análise específica sobre a adesão à

realização da mamografia. A pesquisa censitária foi aplicada após garantia da anonimidade para 108 mulheres, de 20 a 81 anos de idade (média 46,76 e mediana 44). Os dados foram analisados com base nas atuais recomendações de rastreamento do MS. Na amostra avaliada, 3 mulheres (2,77%) com mais de 50 anos nunca realizaram o exame da mamografia e 33 (30,55%) realizaram antes dos 50 anos de idade, porém não antes dos 30 anos. Com relação à periodicidade bianual, 56 mulheres (51,85%) estão fazendo o rastreamento corretamente, enquanto 16 mulheres (14,81%) não realizam o exame há mais de dois anos. Dados nacionais de 2022 apontam para uma cobertura extremamente heterogênea em relação à realização do exame no Sistema Único de Saúde (SUS), observando na região sudeste a maior proporção de mamografias de rastreamento realizadas na faixa etária alvo (66,4%). **Conclusão:** Os resultados da pesquisa evidenciam fragilidades na adesão às diretrizes de rastreamento do câncer de mama entre mulheres da amostra analisada. Embora a maioria das participantes realizem a mamografia com a periodicidade recomendada, observa-se que mais de um terço dessas mulheres não está incluída no rastreamento recomendado atualmente, mas sim na nova proposta. Destaca-se, que 2,77% das mulheres com mais de 50 anos nunca fizeram mamografia, em total desacordo com as recomendações oficiais, a despeito das informações e acesso aos serviços de saúde disponíveis atualmente. Ademais, 14,81% estão há mais de 2 anos sem o rastreamento, o que compromete a detecção precoce da doença. Esses dados reforçam a necessidade de ampliar a adesão ao rastreamento, o qual não está sendo satisfatório, tanto pela população quanto pelos profissionais e equipamentos de saúde, visando o diagnóstico precoce e a redução da mortalidade por câncer de mama no Brasil. Apesar de uma coorte pequena, a análise desperta para a necessidade de revisão do rastreamento e estratégias necessárias para a sua consolidação, em consonância com as novas recomendações publicadas pelo CBR, SBM e FEBRASGO. É fundamental reconhecer os obstáculos relacionados à disponibilidade e ao acesso aos serviços de saúde, bem como considerar os aspectos socioculturais que podem desencorajar a participação das mulheres ao programa. Entre esses fatores, destacam-se a falta de informação, os tabus ligados ao corpo feminino, o receio do diagnóstico de câncer e o estigma associado à doença.

**Palavras-chave:** Câncer de mama. Mamografia. Rastreamento.

**Conflito de interesse:** Os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

## REFERÊNCIAS

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Controle do câncer de mama no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer, 2023.

SELLECK, L. G. Pretty in Pink: The Susan G. Komen Network and the Branding of the Breast Cancer Cause. **Nordic Journal of English Studies**, v. 9, n. S3, p. 119–138, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.35360/njes.232>. Acesso em: 28 out. 2025.

SILVA, I. N. C. J. A. G. da. **Parâmetros técnicos para rastreamento do câncer de mama**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva – INCA, 2021.

URBAN, L. A. B. D. *et al.* Recomendações do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem, da Sociedade Brasileira de Mastologia e da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia para o rastreamento do câncer de mama no Brasil. **Radiologia Brasileira**, v. 56, n. 4, p. 207–214, 2023. 025.